FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
ESCOLA PÓS-GRADUADA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TORCIDAS LIVRES E *QUEER* EM CAMPO: SEXUALIDADE E NOVAS PRÁTICAS DISCURSIVAS NO FUTEBOL

MAURÍCIO RODRIGUES PINTO

São Paulo
Novembro de 2014

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
ESCOLA PÓS-GRADUADA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
Curso de Especialização – *Lato Senso*: Sociopsicologia

TORCIDAS LIVRES E *QUEER* EM CAMPO: SEXUALIDADE E NOVAS PRÁTICAS DISCURSIVAS NO FUTEBOL

ALUNO: Maurício Rodrigues Pinto
ORIENTADORA: Professora Dra. Marta de Aguiar Bergamin

RESUMO

Os debates em torno das relações entre esportes e sexualidade têm ganhado maior visibilidade nos últimos anos. De forma geral, o esporte ainda se caracteriza como um segmento em que a opressão em torno de identidades sexuais não normativas são muito mais acentuadas. O futebol, considerado "paixão nacional" para os brasileiros, tem sido um dos espaços em que o debate acerca da presença e participação de homossexuais no esporte tem acontecido de forma mais intensa. O projeto buscará compreender o universo simbólico e discursivo que orienta os comportamentos de diferentes agentes (jogadores, torcidas, dirigentes e, principalmente, da mídia esportiva) que vivem mais intensamente a experiência social do futebol, produzindo efeito de naturalização da ideia de que futebol é "coisa pra macho", sendo a homofobia uma estratégia recorrente para a desqualificação do adversário. Na contramão dessa naturalização pretendida, serão analisadas as torcidas livres e *queer*, constituídas na forma de comunidades na rede social Facebook. Serão estudadas mais atentamente três torcidas: a **Galo Queer** (torcida do Clube Atlético Mineiro), a **Bambi Tricolor** (formada por torcedores do São Paulo Futebol Clube) e a **Palmeiras Livre** (torcida da Sociedade Esportiva Palmeiras). Tomando como base essas torcidas, será feita a análise de ações e movimentos articulados principalmente no Ciberespaço, que propõem práticas discursivas que questionam a visão hegemônica do futebol como um reduto de dominação masculina, que acaba por estigmatizar e segregar quem não se encaixa aos seus termos, como as mulheres e, principalmente, homens homossexuais.

Palavras-chave: Futebol, sexualidade, homofobia, masculinidades, torcidas, mídia e Facebook.

Abstract:

The discussions about the relationship between sports and sexuality have gained greater visibility in recent years. Overall, the sport is still characterized as a segment in which oppression around non-normative sexual identities are much more pronounced. The football, considered "national passion" for the Brazilians, has been one of the spaces in which the debate about the presence and participation of homosexuals in sport has happened more intensely. The project will seek to understand the symbolic and discursive universe that guides the behaviors of different agents (players, fans, managers and, especially, the sports media) that live more intensely social experience of football, producing naturalization effect of the idea that football is "a male thing", and the homophobia a recurring strategy for the disqualification of the opponent. Contrarily to this desired naturalization, free and queer fans groups will be analyzed, incorporated as communities in social network Facebook. Three groups of fans will be studied more carefully: Galo Queer (fan group of Clube Atlético Mineiro), Bambi Tricolor (formed by supporters of São Paulo Futebol Clube) and Palmeiras Livre (formed by fans of Sociedade Esportiva Palmeiras). Based on these fans groups, it will be analyzed its actions and movements articulated mainly in Cyberspace, offering discursive practices that question the hegemonic view of football as a male-dominated bastion, which turns out to stigmatize and segregate those who does not fit in these terms such as women and especially gay men.

Keywords: Football, sexuality, homophobia, masculinities, fans groups, media and Facebook.

APRESENTAÇÃO DO TEMA

Durante o ano de 2013, páginas na rede social Facebook foram criadas apresentando-se como torcidas de alguns dos times mais populares do Brasil, mas com um grande diferencial em relação a outros agrupamentos de torcedores. Para além de manifestar a torcida pelo "time de coração", esses grupos externavam posicionamentos contrários às manifestações homofóbicas e machistas recorrentes nos estádios e práticas relacionadas ao futebol no Brasil.

Galo Queer, Cruzeiro Maria, Bambi Tricolor, Palmeiras Livre, Grêmio Queer, Queerlorado, entre outras, são comunidades resultantes da articulação de torcedores, que produzem e divulgam conteúdos com o propósito de colocar em xeque a ideia tão propalada de que futebol é "coisa pra macho", reivindicando também o reconhecimento da participação de homossexuais e mulheres, figuras historicamente segregadas de práticas que dão sentido ao esporte, como o jogar e o torcer. Essas páginas são curtidas e acompanhadas por milhares de pessoas.

Além da repercussão que houve com o surgimento das torcidas *queer*, outros fatos recentes, no futebol brasileiro e internacional, impulsionaram as discussões sobre as relações entre futebol e sexualidade. O mais emblemático aconteceu no mês de agosto de 2013, quando o jogador Emerson Sheik, atacante do Sport Clube Corinthians Paulista, time de futebol paulistano com uma das maiores torcidas do Brasil, e herói da conquista do título da Libertadores da América de 2012[1], postou uma foto, na sua página pessoal na rede social Instagram, em que dava um selinho em um amigo. A foto vinha acompanhada da seguinte mensagem:

> "Tem que ser muito valente para celebrar a amizade sem medo do que os preconceituosos vão dizer. Tem que ser muito livre para comemorar uma vitória assim,

[1] A conquista da Libertadores da América, em 2012, é considerada por grande parte dos corinthianos como o título mais importante da história do clube. Sheik foi o principal protagonista da conquista, marcando os dois gols da vitória corinthiana no jogo final do torneio sobre a equipe argentina do Boca Juniors.

> de cara limpa, com um amigo que te apoia sempre. Hoje é um dia especial. Vencemos, estamos mais perto dos líderes..."[2]

A reação à foto e à mensagem, por parte da grande mídia e de torcedores, foi imediata. Esse exemplo nos ajuda a constituir a questão a ser aqui trabalhada. Pela primeira vez um jogador de renome do futebol brasileiro, ídolo de um dos times de maior torcida no Brasil, posicionava-se de forma contundente contra a homofobia. Já no dia seguinte à postagem da foto, um protesto contra Émerson feito por cinco torcedores ligados a uma das torcidas organizadas do Corinthians, em frente ao Centro de Treinamento do clube, ganhou amplo destaque da mídia. O jogador manteve o posicionamento externado na rede social e rebateu opiniões contrárias ao seu gesto:

> "Em primeiro lugar, o mundo do futebol é muito machista. Quero deixar bem claro que se alguém se sentiu desrespeitado, desculpa. Lá era o Emerson pessoa, não o jogador. Tenho enorme carinho pelo Isaac, que é um amigo muito especial. Ele é um queridão, a esposa está grávida de nove meses. E daí a galera levou para o lado errado. É um preconceito babaca. Tenho enorme respeito pelo torcedor do Corinthians. A página que postei tem foto minha dando selinho no meu filho. A Hebe beijava todo mundo. A brincadeira foi exatamente para abordar um assunto polêmico. Esse sou eu fora de campo..."[3]

De acordo com o argumento apresentado pelos torcedores presentes no referido protesto, tal atitude depunha contra a imagem da torcida e, por extensão, da instituição Corinthians: "A nação inteira está freneticamente indignada. Pode até ser a opção dele, mas nós estamos sempre tirando sarro dos 'bambis'. O mínimo que ele tem de fazer é um pedido de desculpas"[4]. A fala revela o medo de torcedores serem marcados pelos adversários como desprovidos de um determinado modelo de masculinidade que é reverenciado dentro do universo do futebol e a recusa de verem um representante do grupo associar-se a imagens e/ou

---

[2] Disponível em <http://uolesporte.blogosfera.uol.com.br/2013/08/19/sheik-comemora-vitoria-do-corinthians-com-selinho-em-amigo/> . Acesso em 10/10/2014.

[3] Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2013/08/apos-polemica-sheik-ganha-aplausos-do-grupo-e-protesto-de-torcedores.html>. Acesso em 11/10/2014. Na ocasião, o grupo de torcedores, ligados à torcida organizada "Camisa 12", levou faixas com as mensagens: "Vai beijar a P.Q.P! Aqui é lugar de homem" e "Viado não".

[4] Fala de Marco Antônio, o "Capão", integrante da diretoria da Camisa12, participante do protesto. Disponível em <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/08/19/torcedores-de-organizada-fazem-protesto-contra-emerson-no-ct.htm> Acesso em 10/10/2014.

expressões que façam referência à homossexualidade. Outro detalhe importante é o uso do termo "bambi", alusão pejorativa à homossexualidade, para referir-se aos torcedores do São Paulo Futebol Clube, um dos principais rivais do Corinthians.

A repercussão e reações do episódio envolvendo Emerson Sheik[5] colocaram em evidência a existência de um universo simbólico moldado por ações e modos de pensar característicos por parte de diferentes agentes construíram maior relação de pertencimento com o evento futebol (torcidas, dirigentes, mídia e jogadores), conformando um padrão de dominação masculina, calcada em um ideal da virilidade: "... a virilidade tem que ser validada por outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte do grupo de 'verdadeiros homens'". (BOURDIEU: 2002, p.64)

Por outro lado, o selinho de Sheik fez com que o debate estabelecido em outras esferas da sociedade sobre a heteronormatividade[6] e a homofobia, que restringem as oportunidades e a garantia de igualdade de direitos de cidadania para pessoas LGBT[7], também alcançasse o esporte, especialmente o futebol, prática esportiva de maior visibilidade entre os brasileiros. Nesse contexto de ampliação do debate e dos questionamentos acerca da ideia de que o futebol necessariamente seja um campo de reverência e centralidade masculina heterossexual é possível mencionar outros fatos relevantes acontecidos entre os anos de 2013 e 2014. Dentre eles, o movimento em torno da criação de uma torcida organizada gay do Corinthians, a Gaivotas

[5] Dias depois, após novos protestos realizados por representantes de torcidas organizadas e da falta de posicionamento do clube a respeito do assunto, foi divulgada, na página torcida organizada Gaviões da Fiel, um texto apresentado como uma retratação de Émerson Sheik – que não se pronunciou depois, contestando a autoria: "Não poderia ter feito isso, foi sem intenção, mas jogo em um clube de futebol, em um mundo cheio de rivalidades e provocações, qualquer comentário é motivo de chacota. Lamento se ofendi a torcida do Corinthians, não foi a minha intenção. Foi só uma brincadeira com um grande amigo meu, até porque eu não sou São Paulino". Extraído em: < http://www.gavioes.com.br/noticia/nota_oficial_-_emerson_sheik_32 > . Acesso em 10/10/2014.

[6] Para Miskolci (2009) a heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e "natural" da heterossexualidade.

[7] Sigla que se refere a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, no plano político, o termo LGBT, referendado a partir do ano de 2008, abrange pessoas com orientações sexuais e identidades de gênero consideradas não normativas.

Fiéis[8], a declaração pública de homossexualidade por atletas estrangeiros de algum renome[9], a aplicação de punições a clubes motivadas por injúrias homofóbicas[10] e, mais recentemente, a divulgação de um manifesto pelo Corinthians aos seus torcedores em repúdio às manifestações homofóbicas nos estádios, ação inédita por parte de um clube brasileiro[11].

Porém, na história do futebol brasileiro, não era a primeira vez que o tema da participação de gays no futebol ganhou destaque. No fim da década de 1970, duas torcidas organizadas, Coligay[12] e Fla-Gay[13], foram criadas com o propósito de conclamar gays amantes de futebol a frequentarem os estádios para externar a torcida pelo "time de coração".

Na tentativa de marcar presença nas arquibancadas, as duas torcidas acabaram sendo vítimas de hostilidades e perseguições por parte de representantes das grandes torcidas organizadas dos próprios times. Foram acusadas de serem iniciativas arquitetadas por torcedores de clubes rivais, visando denegrir o nome de Grêmio e Flamengo. Apesar da curta existência, marcaram história como primeiras tentativas de desestabilizar a ideia de que futebol era coisa só "pra macho".

---

[8] Idealizada pelo jornalista Felipeh Campos, a Gaivotas Fieis apresenta-se como a "primeira torcida de inclusão do mundo" e "torcida gay organizada do Corinthians". O objetivo, segundo Felipeh, é que a torcida, em breve, marque presença nos estádios. Em < http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/10/15/ex-sbt-cria-torcida-gay-do-corinthians-e-diz-que-futebol-tem-enrustidos.htm>. Acesso em 11/10/2014.

[9] No ano de 2013, o ex-jogador da Seleção da Alemanha, Thomas Hitzlsperger, e o estadunidense Robbie Rogers, que atua no LA Galaxy, time da *Major League Soccer*, liga profissional de futebol dos Estados Unidos, assumiram sua homossexualidade. Tornaram-se referências e porta-vozes em favor do respeito e do reconhecimento à participação de homossexuais no esporte. Em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2014/02/homossexualidade-no-esporte-brasil-mantem-futebol-dentro-do-armario.html>. Acesso em 11/10/2014.

[10] A equipe do Bayern de Munique (ALE) foi punida porque parte dos seus torcedores, durante um jogo realizado em Munique, levantaram um cartaz que fazia uma referência homofóbica ao jogador Mesut Özil, do Arsenal (ING), que enfrentava a equipe alemã. O caso rendeu multa ao clube e fechamento do setor da arquibancada em que estavam localizados os torcedores que levaram o cartaz. Em: <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,uefa-fecha-setor-de-estadio-do-bayern-de-munique-por-cartaz-homofobico,1144451,0.htm>. Acesso em 11/10/2014.

[11] Disponível em: < http://espn.uol.com.br/noticia/439412_contra-homofobia-corinthians-divulga-manifesto-por-fim-de-grito-de-bicha-no-tiro-de-meta >. Acesso em 10/10/2014.

[12] Formada por torcedores do Grêmio Football Porto Alegrense (RS), foi fundada em 1977 por Volmar Santos, então dono da boate gay Coliseu, em Porto Alegre. A torcida chegou a ter setenta adeptos que frequentavam os estádios onde o Grêmio atuava.

[13] Formada por torcedores do Clube de Regatas Flamengo (RJ), a Fla-Gay foi idealizada pelo carnavalesco Clóvis Bornay (que era, na verdade, botafoguense) e em 1979. A ideia surgiu quando Bornay convocou flameguistas gays a irem ao Maracanã para assistirem a um Fla-Flu, como é popularmente conhecido o clássico Flamengo e Fluminense.

Mais do que isso, Coligay e Fla-Gay surgiram em um contexto político de ditadura militar no Brasil, marcado por fortes restrições às liberdades políticas, de opinião e de expressão, ousando ao propor o reconhecimento do direito à apropriação de espaços públicos por indivíduos com subjetividades que não correspondam ao padrão heteronormativo binário[14].

Tendo como principal objeto de estudo as torcidas livres e *queer*, esse trabalho propõe-se a apresentar e problematizar algumas relações entre futebol e sexualidade, na tentativa de compreender o porquê do futebol representar um signo performatizador de uma masculinidade reverenciada socialmente como dominante, que acaba por discriminar e estigmatizar quem não se encaixa aos seus termos, como as mulheres e principalmente os homens homossexuais. Também busca-se analisar a articulação desses grupos e as suas práticas discursivas que visam desestabilizar o ideal de hegemonia masculina, que regula as relações nos estádios e lugares onde se experiencia o jogo do futebol.

JUSTIFICATIVA E SÍNTESE DA BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

Com o objetivo de contribuir com o debate em nível acadêmico, este trabalho propõe-se a apresentar e problematizar algumas relações entre futebol e sexualidade, na tentativa de compreender especificidades do porquê o esporte e, mais especificamente, o futebol, prática esportiva mais popular do país e manifestação cultural que mobiliza as atenções de grande parte da população brasileira, represente um signo performatizador da masculinidade viril, reverenciada socialmente como dominante, que acaba por discriminar e estigmatizar quem não se encaixa aos seus termos, mais precisamente mulheres e gays.

[14] A década de 1970, em pleno regime ditadura militar, também marca o aparecimento de movimentos políticos e culturais que rompiam com a ordem binária dos corpos e gêneros. De acordo com Louro: "No Brasil, por essa época, a homossexualidade também começa a aparecer nas artes, na publicidade e no teatro. Alguns artistas apostam na ambiguidade sexual, tornando-a sua marca e, desta forma, perturbando, com suas performances, não apenas as plateias, mas toda a sociedade. A partir de 1975, emerge o Movimento de Libertação Homossexual no Brasil, do qual participam, entre outros, intelectuais exilados/as durante a ditadura militar e que traziam, de sua experiência no exterior, inquietações políticas feministas, sexuais, ecológicas e raciais que então circulavam internacionalmente" (LOURO: 2002, p.521)

Ao fazer uma análise da história da popularização do futebol no Brasil é possível perceber conflitos e tensões presentes na própria construção da sociedade brasileira. Por mais que tenha sido um meio de inserção e de reconhecimento das pessoas de ascendência negra na sociedade – principalmente devido à performance destacada de jogadores como Pelé, Didi, Leônidas da Silva, Romário, Ronaldo e Neymar, entre tantos outros tantos que fizeram destes atletas protagonistas desse esporte – eram notórios os limites impostos a essa inclusão, assim como os estigmas e os preconceitos com relação a essas populações.

Um exemplo emblemático é a derrota da Seleção Brasileira para o Uruguai, na final da Copa do Mundo de Futebol de 1950, evento que ficou marcado para a posteridade como "Maracanazzo". Ali era decretado pela crônica esportiva da época o fracasso do povo brasileiro e da sua miscigenação.

> "Na Copa do Mundo de 1950, disputada no Brasil, a derrota para o Uruguai na final foi atribuída à falta de hombridade e a fatores raciais. Ou melhor, a 'falta de masculinidade de negros e mulatos' seria responsável pela nossa derrota. O negro e o mulato são representados quase como afeminados. Foram considerados os maiores culpados da derrota brasileira: o goleiro Barbosa, que teria falhado no segundo gol do Uruguai, e o jogador Bigode, que teria levado um tapa de Obdulio Varela, capitão do time uruguaio, ambos escolhidos, justamente, por possuírem ascendência negra" (SOUZA: 1996, p.127)

O trecho revela o que Miskolci chama de "intersecção entre sexualidade, gênero e raça", que caracteriza a construção da Nação e identidade brasileira, a partir da criação de "...uma branquitude que alçou o homem branco e heterossexual à norma relegando mulheres e não-brancxs à subalternidade..." (MISKOLCI: 2014, p.20). Na visão da crônica esportiva e da sociedade da época, o escrete brasileiro, produto e representante da ideia de miscigenação da sociedade brasileira, ficou distante de um ideal de masculinidade[36] (branco e heterossexual) que seria crucial para a conquista da Copa do Mundo. A dois atletas negros, o lateral-esquerdo

[36] A respeito do ideal de masculinidade, recorro a Vale de Almeida que diz "...a masculinidade é internamente constituída por assimetrias (como heterossexual/homossexual) e hierarquias (de mais a menos "masculino"), em que se detectam modelos hegemónicos e variantes subordinadas (...). Isto só pode significar duas coisas: que a masculinidade não é a mera formulação cultural de um dado natural; e que a sua definição, aquisição e manutenção constitui um processo social frágil, vigiado, auto-vigiado e disputado" (ALMEIDA:1996, p.163)

Bigode e o goleiro Barbosa, recaiu mais fortemente a pecha de "falta de hombridade" e a culpa pela derrota frente os uruguaios.

A ausência de alguns comportamentos reconhecidos como emblema de uma forma específica de masculinidade representa uma falta de virtude e até mesmo um desvio de caráter. Isso legitima o emprego da injúria homofóbica recorrente na depreciação de figuras como jogadores/torcedores do time adversário, o juiz – principalmente quando este favorece a equipe adversária – ou de jogadores e torcedores da própria equipe, cuja má atuação ou conduta inapropriada, coloquem em risco a ideia de "integridade" do grupo estabelecido e o próprio padrão normatizador.

O estádio de futebol "*locus* por excelência da homossociabilidade" admite demonstrações de afetividade entre homens que não costumam ser manifestadas no dia-a-dia. Abraços intensos e calorosos na comemoração de gols do time pelo qual se torce, por exemplo, são muito comuns: "...essa afabilidade masculina quando pode ser expressa, se faz de forma efusiva e o futebol, então, pode ser encarado como um catalizador dessa afetividade 'represada'" (FREITAS: 2002). Porém, a demonstração de afeto a outro homem que não se presta a render homenagem ao time que torce, evidenciando uma subjetividade que não se sujeita à homogeneização da massa é duramente repelida e hostilizada.

> "Em 2008, eu morei alguns meses em São Paulo e tinha um namorado que era palmeirense também. A gente foi até aconselhado por um amigo dele da torcida organizada a não ter nenhuma demonstração de afeto dentro do estádio, porque a gente poderia ser agredido" [37]

Verifica-se a existência de um cenário, tomando como base Norbert Elias, que pode ser interpretado pela dualidade estabelecidos-*outsiders*, em que o grupo que detém uma hegemonia

[37] Relato de William, palmeirense, integrante da Palmeiras Livre. Extraído da reportagem "O tabu das arquibancadas", disponível em http://www.apublica.org/2013/11/tabu-das-arquibancadas/

defende a sua posição e reafirma o seu carisma de grupo a partir de uma constante relação de oposição àqueles que representariam um risco à pureza do grupo.

> "A peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Essa também é uma precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo *outsider* por um grupo estabelecido. Um grupo só pode estigmatizar o outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos *outsiders* pode fazer-se prevalecer. (...) Afirmar o rótulo de 'valor humano inferior' a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter a sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo" (ELIAS: 2000, pp. 23-24)

A dualidade estabelecidos-*outsiders* construída em uma permanente relação de poderes e mecanismos de diferenciação, pode nesse caso ser complementada por Simões e Carrara, que tomam como base as reflexões da antropóloga Mary Douglas sobre o binarismo heterossexualidade/homossexualidade, no que diz respeito à necessidade de classificação daquilo que foge da ordem:

> "Na discussão sobre a construção histórica da homossexualidade masculina, elas reaparecem para corroborar a concepção segundo a qual os sistemas de classificação dualistas – seja a oposição hetero/homossexual, ou homem/bicha – são meios para uma 'supersistematização expressiva' voltada para controlar uma experiência 'inerentemente desordenada' e, assim, reduzir a ambiguidade e a anomalia..." (CARRARA, SIMÕES: 2007, p. 84)

No espectro do grupo estabelecido nos estádios de futebol brasileiros, destacam-se as torcidas organizadas, justamente pela capacidade de construção de um carisma grupal. Eles se apresentam e são reconhecidos como os representantes mais apaixonados e maiores apoiadores do time durante os 90 minutos de partida. Entoam cantos e gritos de guerra que são cantados também por torcedores que não fazem parte de suas fileiras. Contam, muitas vezes, com o respaldo de jogadores, que comemoram gols e vitórias indo em direção aos setores onde se concentram as organizadas e costumam também ter bom relacionamento com as diretorias dos clubes, sendo ainda muito comum a ajuda no custeio das viagens dos organizados para jogos

fora da cidade ou do estado de origem e a facilitação da compra de ingressos pelas torcidas organizadas.

Almeida em sua pesquisa sobre as masculinidades no interior de um grupo de mineradores habitantes da aldeia de Pardais, em Portugal, destaca que na dinâmica de hierarquização das masculinidades, um dos méritos que distingue e confere maior status a alguns é o da disposição a fazer sacrifícios *(*ALMEIDA: 1996, pp.169-170). No futebol, quanto maior o sacrifício e os riscos assumidos em nome do time do coração, maior será respeito e o reconhecimento obtido dentro do grupo. Tal imagem é recorrente nas práticas discursivas das torcidas organizadas e aparece na fala do presidente de uma das principais torcidas organizadas do Corinthians. Também expõe a ideia de um processo pedagógico, composto por uma série de rituais de aquisição de capital simbólico que legitime a participação e a visibilidade de indivíduos/grupos entre os estabelecidos nos estádios:

> "... para nós, uma torcida organizada começa como a gente sempre troca ideia nas torcidas: o cara vai para uma caravana, o cara participa de vários jogos do Corinthians na arquibancada e não na numerada, a pessoa participa de inúmeras manifestações corintianas que teve nesses últimos anos, tanto de protesto contra diretoria, contra jogador. Tem uma caminhada ideológica dentro de uma instituição para você fundar uma torcida organizada. (...) Tomei muita borrachada da polícia por aí, passei muita fome na estrada, nunca fomos pra qualquer lugar e fomos bem recebidos por qualquer órgão que cuida da organização do jogo no estádio, da segurança pública, nós sempre fomos maltratados por muitos deles, então, a torcida organizada não é simplesmente chegar e falar: 'Ó, vou criar uma torcida hoje. Vou criar uma camisa e vou pro estádio'"[38]

Para além da representatividade das torcidas organizadas, outros agentes que estão inseridos no universo do futebol, contribuem para a reafirmação e o efeito de "naturalização" da ideia de dominação masculina, como, por exemplo, a mídia especializada, mediadora das informações e dos saberes sobre o jogo a serem transmitidas para o público, muitas vezes contribuindo para afixar e essencializar estereótipos, como a de que gays e mulheres não gostam ou não se interessam por futebol, ou simplesmente ignorando e dando pouco atenção às

[38] Relato de Capão, presidente da torcida organizada Camisa 12, do Corinthians. Extraído da reportagem "O tabu das arquibancadas", disponível em http://www.apublica.org/2013/11/tabu-das-arquibancadas/

manifestações e gritos homofóbicos comuns nos estádios, porque considera-se que fazem parte da normalidade do jogo.

A sustentação da ideia de dominação masculina se dá também pelo esforço de negação da legitimidade e do direito à apropriação do futebol por pessoas que não se conformam com esse modelo de masculinidade reverenciada, contribuindo para afixar estereótipos, como a de que gays e mulheres não gostam ou não se interessam por futebol. Há aqui o que Pierre Bourdieu chama de instituição da violência simbólica, ou seja, a construção e a reafirmação de discursos cuja força performativa[39] tem a capacidade de produzir o efeito de introjetar tais valores estigmatizantes. Até por conta da dificuldade de homossexuais e mulheres encontrarem referências já inseridos no esporte, com os quais consigam estabelecer identificação, muitos incorporam para si a visão dominante de que o futebol nada tem a ver com eles e de que possuem uma inaptidão nata para apreender os saberes e os códigos necessários para se sentirem participantes legítimos das suas práticas.

> "A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação), quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor para pensar a sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto" (BOURDIEU: 2002, p.49)

Como forma de se contrapor à dominação masculina, que visa naturalizar a hierarquização e a estigmatização de identidades de gênero e orientações sexuais consideradas não-normativas, a ação política, na chave interpretativa de Jacques Rancière, abre possibilidades para pessoas e grupos *outsiders* produzirem práticas discursivas "inteligíveis",

[39] Diz Silva sobre a performatividade e a produção e essencialização da identidade e da diferença: "A eficácia produtiva dos enunciados performativos ligados à identidade depende de sua incessante repetição. Em termos da produção da identidade, a ocorrência de uma única sentença desse tipo não teria nenhum efeito importante. É de sua repetição e, sobretudo, da possibilidade de sua repetição, que vem a força que um ato linguístico desse tipo tem no processo de produção da identidade" (SILVA: 2000, p.7)

que venham a questionar e expor o caráter "não-natural", mas, sim, de construção cultural e histórica dos códigos e restrições que regem as relações nas práticas relacionadas ao jogo de futebol:

> "A atividade política é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que era só ouvido como barulho. (...) Espetacular ou não, a atividade política é sempre um modo de manifestação que desfaz as divisões sensíveis da ordem policial ao atualizar uma pressuposição que lhe é heterogênea por princípio, a de uma parcela dos sem-parcela que manifesta ela mesma, em última instância, a pura contingência da ordem, a igualdade de qualquer ser falante com qualquer outro ser falante" (RANCIÈRE: 1996, pp.41-43)

O projeto parte da hipótese que as torcidas livres e *queer*, constituídas no ambiente virtual, por meio dos conteúdos que produzem e divulgam na rede social Facebook, são representativas de um modo de torcer que se contrapõe à ideia que o futebol é só "coisa pra macho". Por esse motivo e por reconhecer no futebol, um importante campo para análise de questões e conflitos que abrangem toda a sociedade brasileira, é importante uma análise mais profunda, avaliando até que ponto esses grupos podem ser entendidos como espaços de sociabilidade com potencial para a desestabilização da ideia de "efeito de destino que a categorização estigmatizante produz" (BOURDIEU: 2002, p.144). Dessa forma, em consonância com as pautas dos movimentos sociais e políticos já existentes, que reivindicam a garantia do reconhecimento de cidadania plena de pessoas LGBT, as torcidas livres e *queer* podem representar um importante passo na direção da construção de uma sociedade brasileira mais igualitária, orientada pelo reconhecimento e o respeito às múltiplas subjetividades.

DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA E OBJETIVOS

Os principais objetos das pesquisas são as torcidas *queer* e livres de alguns dos principais times do Brasil[41], constituídas na forma de comunidades na rede social Facebook. Essas páginas divulgam conteúdos, próprios ou publicados na mídia, questionando a heteronormatividade, que privilegia um modelo de masculinidade como legítimo participante das práticas do futebol, e contrapondo-se à homofobia e ao machismo que segregam gays e mulheres dos estádios. Criadas a partir da iniciativa e articulação de pequenos grupos, essas páginas são acompanhadas por pessoas, na maioria, entre os 25 e 34 anos.

A pesquisa de campo irá se concentrar em três comunidades, justamente as que tem o maior número de "curtidas", ou seja, pessoas que acompanham as suas postagens: a **Galo Queer**[42], formada por torcedores do Atlético Mineiro, primeira torcida *queer* do país e que congrega o maior número de adeptos; **Bambi Tricolor**[43] e **Palmeiras Livre**[44], torcidas de dois dos grandes times da cidade de São Paulo, respectivamente São Paulo e Palmeiras, bastante

[41] As torcidas gays/anti-homofobia atualmente ativas no Facebook são:
- Galo Queer: https://www.facebook.com/pages/Galo-Queer/260183954118767?fref=ts
- Cruzeiro Maria: https://www.facebook.com/torcidacruzeiromaria?ref=ts&fref=ts
- Cruzeiro Livre: https://www.facebook.com/CruzeiroLivre?fref=ts
- Bambi Tricolor: https://www.facebook.com/BambiTricolor
- Palmeiras Livre: https://www.facebook.com/PalmeirasLivre?fref=ts
- EC Bahia Livre: https://www.facebook.com/pages/EC-BAHIA-LIVRE/494001227314767
- EC Vitoria Livre: https://www.facebook.com/ecvitorialivre
- Furacão sem Homofobia: https://www.facebook.com/caplivre
- Coxa sem Homofobia: https://www.facebook.com/pages/COXA-Sem-Homofobia/428585357237479?fref=ts
- Grêmio Queer: https://www.facebook.com/pages/Gremio-Queer/596222133723294
- Queerlorado: https://www.facebook.com/pages/QUEERlorado/164289153730713?fref=ts

[42] Comunidade criada em 09/04/2013. Apresenta-se da seguinte forma: "*Galo Queer é o movimento anti-homofobia e antissexismo no futebol dos torcedores do Clube Atlético Mineiro, vulgo Galo Doido. Porque paixão pelo Galo não tem nada a ver com intolerância".* Possui 7265 seguidores (dado de 06/04/2014). Endereço da página: https://www.facebook.com/pages/Galo-Queer/260183954118767?fref=ts

[43] Comunidade criada em 14/04/2013. A apresentação da página diz: *"Paixão pelo futebol, amor ao clube e até rivalidade entre adversários não tem nada a ver com homofobia. Se, até agora, Bambi foi um apelido usado para discriminar, por que não adotá-lo com orgulho e desarmar o preconceito? Pelo SPFC livre".* Atualmente 2645 pessoas seguem a página (dado de 06/04/2014). Endereço da página: https://www.facebook.com/BambiTricolor?fref=ts

[44] Página criada em 12/04/2013. Apresenta-se como: *"Movimento anti-homo e transfobia, contra o racismo e todo tipo de sexismo (os machismos e misoginias em especial), destinado à torcida que mais canta e vibra. Porque paixão pelo Palmeiras não tem nada a ver com intolerância"*. Conta com 2712 seguidores (dado de 06/04/2014). Endereço da página: https://www.facebook.com/PalmeirasLivre

ativas e engajadas no posicionamento favorável ao reconhecimento do direito pleno de liberdade de ir e vir e de expressão às pessoas das comunidades LGBT. Em comum, diante das constantes ofensas dirigidas às mulheres e aos homossexuais nos estádios, o sentimento de indignação foi o que impulsionou a criação das torcidas e o desejo de se manifestar publicamente contra esse estado de coisas.

> "A ideia da página foi minha, sozinha, mas logo que criei, chamei algumas amigas e amigos para participar e formamos um grupo de 5 a 10 pessoas meio flutuantes. O evento que me motivou foi uma ida ao estádio, depois de um ano na Alemanha (onde comecei a estudar gênero e portanto ser mais sensível ao tema), ao jogo do Galo contra o Arsenal, no qual todas as pessoas (incluindo os meus amigos teoricamente não homofóbicos) gritavam "Arsenal é maricón". Além disso, me incomodou muito ser mulher naquele ambiente extremamente machista, no qual a maioria dos homens pensa que mulher não entende de futebol e ainda por cima nos assediam"[45]

> "O contexto da criação foi simples demais. Éramos já um grupo de amigos, todos são paulinos, que concordava que o apelido 'bambi' merecia uma recepção diferente da torcida tricolor. Sem nenhuma pretensão, coisa de conversa de bar e só. Quando a Galo Queer surgiu, nós achamos a ideia genial e esperamos uma semana para ver se alguém na torcida do nosso time encararia. Várias torcidas foram se apresentando, mas nada do São Paulo. Decidimos, então, fazer a nossa, pelo menos pra 'marcar presença' e participar desse movimento, sem nenhuma ideia de por quanto tempo manteríamos a página, nem o que adviria dela"[46]

Até como um possível contraponto às práticas discursivas das torcidas anti-homofobia, será feita a análise dos conteúdos divulgados pela mídia especializada e do papel que esta desempenha na formação e produção de hábitos que são reproduzidos por outros agentes que constituem o universo do futebol, como jogadores, dirigentes, torcedores e juízes. Serão estudados três grandes portais da mídia esportiva eletrônica (Globoesporte.com, UOL Esportes e ESPN.br), entendendo também que da mesma maneira que tem potencial para influenciar comportamentos do seu público, a grande mídia também age e se posiciona de acordo com um ideário estabelecido. Será feita uma análise que irá comparar e interpretar até que ponto esses veículos de comunicação contribuem para o efeito de naturalização da reverência de uma masculinidade viril, reforçando a ideia de uma maior legitimidade de participação justamente àqueles que se adequam a esse ideal normativo.

Os principais **objetivos** estabelecidos para essa pesquisa são:

[45] Extraído de entrevista com Nathalia, representante da Galo Queer, em 21/03/2014.
[46] Extraído de entrevista com Aline, representante da Bambi Tricolor, em 11/03/2014.

- Analisar as articulações e práticas discursivas das torcidas livres e *queer* estabelecendo paralelos com outras configurações e organizações de torcedores e o seu potencial político, na perspectiva de provocação do dissenso, visando a desconstrução da ideia de que futebol é "coisa pra macho"*;*
- Compreender o universo simbólico e discursivo que caracteriza os esportes e, especificamente, o futebol, que reverencia um modelo de masculinidade viril, que estigmatiza e rechaça subjetividades que não se conformam a ele;
- Analisar a cobertura da mídia especializada eletrônica, uma importante mediadora dos saberes acerca do jogo para o público, avaliando os seus enunciados discursivos e o quanto estes atuam para a naturalização de uma cultura machista e homofóbica do jogo

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Para o desenvolvimento dessa pesquisa será importante pensar como se deu a consolidação de um imaginário de que futebol é "coisa pra macho", tendo alguns indivíduos maior legitimidade de participação nas práticas e lugares que dão sentido ao jogo. São eles, torcedores organizados e comuns, jogadores, dirigentes e a imprensa especializada, que estabelecem relações e tem as suas ações e posições reguladas por uma matriz heteronormativa masculina, calcado no ideal de virilidade. Além de recorrer à bibliografia sobre a história sociocultural do futebol no Brasil, a análise desses discursos será feita com base nos métodos de análise de enunciados discursivos sugerido por Michel Foucault, reconhecendo as dimensões performativa e política da apropriação do discurso:

> "A análise enunciativa só pode se referir a coisas ditas, a frases que foram realmente pronunciadas ou escritas, a elementos significantes que foram traçados ou articulados - e, mais precisamente, a essa singularidade que as faz existirem, as oferece à observação, à leitura, a uma reativação eventual, a mil usos ou transformações possíveis, entre outras coisas, mas não como as outras coisas. Só pode se referir a performances verbais realizadas, já que as analisa no nível de sua existência: descrição das coisas ditas, precisamente porque foram ditas. (FOUCAULT:2008, p.129)

Reconhecendo na mídia eletrônica um importante mediador e, mesmo, um produtor do saber produzido acerca do jogo com potencial de alcance para um amplo público, serão analisados três dos principais portais esportivos brasileiros da atualidade (UOL Esportes, Globoesporte.com e ESPN.br). Serão selecionados conteúdos e notícias que façam relação entre o futebol e sexualidade produzidos por esses veículos e a abordagem inspira-se no método sugerido por Foucault para o estudo do que ele denomina de "modalidades enunciativas". Desta forma, será feito o cruzamento dos dados coletados com a descrição dos lugares institucionais de onde se fala e a elucidação das posições que os sujeitos dos discursos ocupam, visto que estes produzem enunciados de acordo com certo programa de informações (FOUCAULT: 2008).

Para auxiliar a compreensão da dualidade estabelecidos-*outsiders* como parte de uma dinâmica de relações de poder, será estabelecido um diálogo de Elias com Bourdieu e a sua formulação de poder simbólico, não institucionalizado, capaz de alterar a percepção do mundo. Este se dá em relação entre aqueles que detêm um determinado poder e por aqueles que são sujeitos a essa ordenação e pela introjeção de valores relativos a esses papeis (BOURDIEU: 2010).

Será também feita a pesquisa em bibliografia nas temáticas sexualidade e gênero visando maior aprofundamento e precisão de conceitos-chave na construção do projeto (por exemplo, heteronormatividade, matriz heterossexual, homofobia, machismo, misoginia). Sendo o futebol o esporte nacional por excelência, por meio dessa bibliografia será explorada as "intersecções entre sexualidade, gênero e raça" (MISKOLCI: 2012), de grande importância para a compreensão do processo de construção de uma identidade nacional.

Para a análise e interpretação do objeto principal da pesquisa, as torcidas anti-homofobia e as suas práticas discursivas, que se materializam por meio de postagens e interações na rede social Facebook, considera-se adequado a realização de um trabalho de campo na perspectiva

do Ciberespaço[47]. Com isso, ainda que a pesquisa de campo empírico e analítico tenha como foco as interações e performances das "personas"[48] no Ciberespaço, esta será feita em diálogo com o corpo teórico da Antropologia das sociedades complexas, especificamente as sociedades urbanas:

> "O diálogo com o corpus teórico elaborado em torno da questão urbana na Antropologia brasileira é frutífero na medida em que muitos dos ternas por ele abordados encontram homologias no interior do Ciberespaço. A pesquisa etnográfica em ambientes de sociabilidade virtual também poderá contribuir para o enriquecimento da reflexão sobre as sociedades complexas, visto que o Ciberespaço pode ser compreendido como uma das esferas constituintes da mesma" (GUIMARÃES Jr: 1999, p. 147)

[47] Para Guimarães Jr. o Ciberespaço pode ser definido como um "... *locus* de extrema complexidade, de difícil compreensão em termos gerais, cuja heterogeneidade é notória ao percebermos o grande número de ambientes de sociabilidade existentes, no interior dos quais se estabelecem as mais diversas e variadas formas de interação, tanto entre homens, quanto entre homens e maquinas e, inclusive, entre maquinas". (Guimarães Jr, 1999, p.142)

[48] Com base em Goffman (1971), por persona entende-se a representação que um indivíduo – o ator social – faz de si em um determinado contexto, lugar onde estabelece relações de sociabilidade.

CRONOGRAMA DE TRABALHO

Atividades / **Semestre**	**1°**	**2°**	**3°**	**4°**
Revisão da literatura, pesquisa bibliográfica e produção de fichamentos	**X**	**X**		
Cumprimento dos créditos das disciplinas obrigatórias do programa de mestrado	**X**	**X**		
Levantamento e seleção de conteúdos publicados em portais esportivos da mídia eletrônica	**X**	**X**		
Realização do método de análise discursiva nos portais esportivos da mídia eletrônica	**X**	**X**		
Pesquisa etnográfica e análise das práticas discursivas das Torcidas anti-homofobia no Facebook	**X**	**X**		
Sistematização e análise dos dados da pesquisa de campo			**X**	
Redação do texto de qualificação		**X**	**X**	
Revisão bibliográfica			**X**	
Síntese da análise etnográfica			**X**	
Redação do texto final da dissertação				**X**

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SOARES, Alessandro da Silva. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Movimento**. Porto Alegre, v.18, n.1, p.301-321, 2012.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. "Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do Sul de Portugal". In **Anuário Antropológico**, 95, pp.161-190. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. "Amor e masculinidade nos estádios de futebol". In **Esporte e Sociedade**, v. 19, p. 1-26, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____ **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CARRARA, Sérgio e SIMÕES, Júlio Assis. "Sexualidade, Cultura e Política: a trajetória da identidade homossexual na antropologia brasileira" In: **Cadernos Pagu**. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007. v.28. p.65-99
- ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- _____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

- FRANCO Jr., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FREITAS, Marcel. "Do amor grego à paixão nacional: masculinidade homoeroticidade no futebol brasileiro. In: **http://www.efdeportes.com/ Revista Digital** - Año 8 - N° 55 - Buenos Aires: dezembro de 2002 (disponível em http://www.efdeportes.com/efd55/paixao1.htm)
- GOFFMAN, Erving. **A Representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GUIMARÃES Jr., Mário J. L. O ciberespaço como cenário para as Ciências Sociais. In: **IX Congresso Brasileiro de Sociologia.** Porto Alegre, setembro 1999. Disponível em: < http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html>.
- GREEN, James N. **Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- HABERMAS, Jurgen. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- JUNGBLUT, Airton Luiz. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. In: **Horizontes Antropológicos**. Ano 10, n. 21. Porto Alegre, jan/jun, 2004.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

  LOURO, Guacira Lopes. "Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação". In: **Revista Estudos Feministas**. V.9, n.2 Florianópolis: IFCH, 2001.
- MISKOLCI, Richard. "Estranhando as Ciências Sociais: Notas introdutórias sobre Teoria Queer". Revista Florestan Fernandes, v.2, pp. 8-25, 2014.
- _____. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2012.

- PEREIRA, Leonardo. A. de Miranda. **Footballmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro,1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento – Política e Filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- RODRIGUES FILHO, Mário. **O Negro no futebol**. Petrópolis: Editora Firmo, 1994.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. "A produção social da identidade e da diferença" in: SILVA, Tomaz Tadeu da (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000. Disponível em: http://ccs.ufpel.edu.br/wp/wp-content/uploads/2011/07/a-producao-social-da-identidade-e-da-diferenca.pdf
- SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: Do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.
- SOUZA, Marcos Alves de. "Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro". In **Cadernos Pagu,** Campinas, nº 6-7, p. 109-152, 1996.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de futebol: lazer e estilo de vida na metrópole**. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- _____. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2002.